

## VALÉRIO NEDER E O PASSADO TRICORDIANO

Talita Carlos Tristão

Valério Antonio Neder Andrade nasceu em Três Corações, no dia 21 de junho de 1956. Formado em Jornalismo, desde 1976 trabalhou como fotógrafo na cidade. Organizou exposições de fotos, objetos e troféus de Pelé. Fez homenagens a atletas e dirigentes do esporte municipal e ao conjunto Velha Guarda. Participou de mostras e concursos nacionais, recebendo diversos prêmios e menções. É, também, autor das fotos do livro *Movimento essencial*, de Luis Marcus Pereira. Realizou três documentários para a TV Educativa: *75 anos do Banco do Brasil*, *Delírios e delícias do Carnaval* e *Três Corações: uma Odisséia de amor* (o último com a participação do historiador Benefredo de Sousa). Participou de vários eventos culturais no sul de Minas como expositor e palestrante, além de ter atuado, como jurado, em concursos e festivais. Profundamente envolvido com a história de sua terra natal, sempre organiza eventos em que mescla entretenimento e cultura num só acontecimento.

Colaborou como cronista, desde 1982, em vários jornais da cidade e região, especialmente *Folha do Sul* e *Jornal Três*, bem como no jornal *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte. Atualmente, escreve para a *Folha do Sul* e para o *Hoje em dia*. Autor de seis livros, sendo a primeira publicação de poemas intitulada *Bem-te-vida* (1982). Logo depois, publicou uma coletânea poética juntamente com outros autores, *Passageiros da noite* (1985). Nesse mesmo gênero, fez também a publicação de *O último suspiro da Maria Goreti* (1995). Passando por uma fase de transição em sua carreira literária, Valério publicou *Nada ficou no lugar* (1997), fazendo uma mistura de poema e crônica. Já em sua publicação seguinte, *Sangue e orquídeas* (1997), trilha os caminhos da crônica, o que se repete em seu último livro, *Dias melhores virão* (2004).

Neste trabalho iremos estudar e conhecer, através da ótica valeriana, o passado cultural, político e social da sociedade tricordiana, refletindo sobre suas relações com o presente. Suas obras retratam fatos curiosos do cotidiano da cidade, bem como representantes marcantes da cultura da cidade. Um senhor vendendo salgados na rua, a chuva batendo no telhado, uma paixão caipira, estudantes noturnos... Todos esses fatos são pretextos para que o autor produza sua crônica e vá registrando a história de um povo de “três corações”.

Segundo Jorge de Sá, a crônica é construída através do ângulo subjetivo da interpretação. O autor recria o real ouvindo conversas, recolhendo frases interessantes, observando as pessoas e registrando situações, fazendo com que o texto não seja apenas um relato formal dos fatos, mas também um comentário dos acontecimentos.

O narrador da crônica é seu próprio autor, que mantém uma aparente superficialidade em seus comentários, levando-nos a acreditar que tudo que escreveu é o que aconteceu de fato. Por essa característica, parece que estamos diante de uma reportagem. A crônica faz uso dos elementos do cotidiano dando a eles uma aparência de “casualidade”. Mas o que ela quer, na verdade, é descortinar para o leitor uma visão diversificada dos fatos, explorando as potencialidades da língua e buscando construções que provoquem diferentes significações.

A crônica surge primeiro no jornal. De aparência simples, contudo dotada de artimanhas artísticas, ela existe no contexto jornalístico, que nasce, envelhece e morre a cada vinte e quatro horas. Por isso, ela assume também essa transitoriedade. Sua função é amenizar os acontecimentos reais, propiciando ao mesmo tempo uma reflexão e uma compreensão desses fatos, já que no jornal eles são banalmente registrados.

Quando a crônica passa a fazer parte de um livro, ela se torna mais duradoura. Parece que ela ultrapassa a transitoriedade do jornal e se torna eterna. No entanto, o que muda apenas é a atitude do leitor diante do texto. Ler uma crônica no jornal é sempre uma ação apressada, sendo essa a razão para que seja uma narração curta e informal. Mas a mesma leitura no livro provocará uma maior intimidade com o leitor, já que este poderá retomá-la e a cada vez ter novas possibilidades de interpretação.

Na crônica, a linguagem leve e descontraída lembra uma conversa informal entre amigos. Narra-se qualquer acontecimento do dia-a-dia que poderia ficar à margem, relegado ao esquecimento, não fosse o trabalho do cronista, que capta esse instante circunstancial sob uma nova perspectiva.

Percebe-se a transitoriedade marcante da crônica no livro *Nada ficou no lugar*, de Valério Neder. Sendo uma mistura de poema e crônica, a obra retrata as mudanças que ocorrem na vida, mostrando que nada permanece para sempre no mesmo lugar, do mesmo jeito. As pessoas mudam, a natureza se transforma, as conversas são outras... Nada permanece no tempo a não ser a memória de cada um.

Já em *Dias melhores virão*, observa-se que o autor faz uso do humor para amenizar suas críticas ao desprezo das autoridades pela cidade. Na maioria das vezes, as crônicas terminam com uma boa dose de esperança. Esperança de uma vida melhor, de um povo melhor, de uma Três Corações melhor, de um mundo melhor...

Nessa perspectiva esperançosa, o autor também relembra com nostalgia os tempos que já se foram, quando tudo era bom: as pessoas paravam para viver mais a vida, enquanto hoje todos vivem com pressa, passando pela vida sem acrescentar nada. Valério Neder escreve saudosamente sobre os carnavais, as festas, os bares e os eventos sociais que aconteceram em nossa cidade. Eventos que hoje estão apenas na memória daqueles que os desfrutaram, pois os carnavais tricordianos são

lendários. Aconteciam muitas brincadeiras, havia o desfile das escolas de samba e muita gente bonita querendo se divertir. Enfim, o autor registra para a posteridade, através de suas crônicas, a história permeada de tristezas, alegrias, diversão, esperanças e surpresas de seus Três Corações.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

NEDER, Valério. *Dias melhores virão*. Três Corações: Gráfica Moraes, 2004.

NEDER, Valério. *Nada ficou no lugar*. Três Corações: Excelsior Gráfica e Editora, 1997.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.